

DA ENTREVISTA

No atelier que acolhe o recanto de "Os Quatro Vintes", Armando Alves falou de si, da sua obra e do Porto

"Não tenho ambições maiores do que viver tranquila e honestamente"

Entre quadros, esculturas, catálogos, livros, tubos de tinta e pincéis, Armando Alves falou ao "DAS ARTES DAS LETRAS" sobre o seu percurso artístico, que abarca a Pintura, a Escultura e as Artes Gráficas. O Porto tornou-se na sua segunda cidade e foi aqui que encontrou os afectos. No entanto, o Alentejo continua a ser a fonte de inspiração pictórica pelos sentimentos que a paisagem lhe desperta. Como escreveu Bernardo Pinto de Almeida, Armando Alves é: "O pintor da paisagem alentejana ou do sentimento desta".

Goreti Teixeira
Fotografia: Tiago André

Qual a origem do seu interesse pela pintura?

Estudava numa escola técnica em Estremoz, onde tive um professor, Sebastião da Gama, que descobriu que eu tinha jeito para o desenho e aconselhou os meus pais a inscreverem-me numa escola de artes. Foi assim que cheguei a Lisboa, à Escola de Artes Decorativas António Arroio, cuja similar era a Soares dos Reis, no Porto. Durante quatro anos integrei o chamado Curso de Preparação às Belas Artes, ainda fiz a admissão para Lisboa, mas depois vim fazer o primeiro ano no Porto...

Onde entre 1962 e 1973 foi professor assistente. Como recorda esse tempo?

Terminámos o curso e uma série de nós foi convidada a leccionar em Belas Artes, nomeadamente o grupo "Os Quatro Vintes", que era constituído por mim, o Ângelo de Sousa, o Jorge Pinheiro e o José Rodrigues. Devo dizer que foi extremamente interessante e gratificante, porque era uma forma de prolongar o nosso trabalho com os alunos. Alunos que eram diferentes uns dos outros e, portanto, com uma riqueza interior muito grande. No fundo, a nossa missão era descobrir essa riqueza, além de que julgo que também criámos uma diferença em

relação ao que era ser professor de uma Escola de Belas Artes.

Porquê?

Em relação ao ensino das Belas Artes havia uma ideia que vinha um pouco do século passado, nomeadamente na designação das disciplinas. Eu, por exemplo, leccionava uma cadeira que se chamava Pintura Decorativa, que era nitidamente do século XIX, e acabei por dar início a uma cadeira que se passou a chamar Artes Gráficas. Na altura, era muito insípida, pois não existiam computadores. Esta foi uma proposta que fiz ao então director da escola, o mestre Carlos Ramos, pois era um interesse que já vinha da escola de Estremoz. Por entender que se tratava de uma matéria com grande importância, achei que deveria constar no plano curricular. Como sempre, o mestre Carlos Ramos acolheu bem a ideia, no sentido em que se corresse bem seguíamos em frente, se não tivesse receptividade, parávamos. A verdade é que correu bem e desde essa altura a cadeira fez sempre parte do plano curricular. Hoje tem um desenvolvimento muito maior, porque é uma área que ganhou muita importância.

Quando se fala em Artes Gráficas o seu nome surge como a pessoa que renovou e valorizou esta área. Concorda?

Sim, porque quando comecei a fazer Artes Gráficas em Portugal, embora existisse uma tradição anterior com o Sebastião Rodrigues, no Porto praticamente não havia ninguém a trabalhar na área. Realmente fui eu quem começou a trabalhar com muitas empresas e gráficas, com a editorial Inova e, nesse sentido, houve uma renovação e as pessoas entendem agora que é justo referir o meu nome. Obviamente fico muito agradado [risos].

"Os Quatro Vintes" foi um grupo à frente do seu tempo?

Sim. "Os 4 Vintes" foi um grupo que se formou,



que existiu durante quatro anos e que acabou como o ciclo natural da vida. O tempo de duração foi curto, mas a filosofia do grupo, chamemos-lhe, não estava ligada à estética. Não foi isso que nos uniu. De facto, a única coisa que nos uniu foi a sensação, e falamos dos finais da década de 60, de que a arte em Portugal não era o que é hoje. Hoje, felizmente, muita gente e até mesmos alunos da escola de Belas Artes começam a afirmar-se como artistas e têm possibilidades de existir como tal. O que nos moveu foi pensarmos que a união fazia a força:

se individualmente tínhamos alguma dificuldade em nos afirmarmos, talvez como grupo isso pudesse ter um maior impacto. E assim foi. Constituímos o grupo, fizemos duas exposições no Porto - na Galeria Alvarez e na Cooperativa Árvore - uma em Lisboa e outra em Paris. As pessoas apareciam em todos os lados onde estávamos a expor, os jornais falavam de nós e criou-se a tal dinâmica que pensávamos que era possível criar quando decidimos formar "Os 4 Vintes". Como não havia uma filosofia estética a suportar o grupo, cada um tinha a sua tendência,

que foi mantida mesmo quando estávamos juntos. Outra das afirmações era, e continua a ser, a eterna luta entre Porto e Lisboa, inclusivamente tínhamos um panfleto onde estava escrito o que de positivo e negativo existia nas duas cidades. Depois, acabou naturalmente e sem drama nenhum, porque entendemos que não havia necessidade de continuarmos juntos. A verdade é que até hoje todos estamos em actividade, felizmente.

Terminar com o grupo não significou um ponto final nas amizades?

Não, de maneira nenhuma. Cada um continua com as caturrices próprias do tempo que decorreu entretanto, mas de qualquer maneira sempre amigos uns dos outros.

Inicialmente a sua pintura passou pelo neo-realismo, posteriormente seguiu para a paisagem abstracta e nos anos 70 já existia alguma aproximação ao design. Como explica estas diferentes fases?

Acho que falar de neo-realismo sem figuração é difícil e a minha pintura nunca foi figurativa. Embora, no princípio de tudo, ainda aluno de Belas Artes, tenha feito alguns trabalhos figurativos, mas muito poucos. Aliás, nem têm aquela carga neo-realista como, por exemplo, tem o Júlio Pomar, entre outros pintores, que tratou o tema na altura própria. Sou um pouco mais novo do que essa geração e, portanto, apanhei o neo-realismo de passagem. Depois toda a minha pintura centrou-se na paisagem do Alentejo. Como sou de lá, como gosto muito do Alentejo e tenho um grande conhecimento daquela paisagem - os vários momentos do dia, as diferentes estações, a terra, o nascimento das coisas, o barulho que fazem os pássaros no restolho - todas estas coisas estão interiorizadas numa grande vivência que tenho tentado ao longo da vida transmitir para a pintura e que ainda hoje continuo a fazer. A verdade é que tudo começou no figurativo,



depois fiz uma exposição só sobre a temática do arco-íris - um ciclo que se fechou com uma exposição no Jornal de Notícias (1981) -, a partir de 1967 teve início a fase dos objectos em madeira pintada, que é uma outra vertente que tem a ver com a escultura. Digamos que são objectos/esculturas ligados mais à área das artes gráficas, porque há um certo depuramento na própria criação, na forma, na sensualidade e no monocromatismo. Posteriormente, voltei à chamada pintura de cavalete, onde continuei sempre a pesquisar a paisagem do Alentejo e hei-de chegar assim até ao fim, espero eu. [risos]

É possível explicar como é que a cor começa a ganhar vida na tela branca?

É difícil, mas tem o seu quê. Uma tela branca é uma coisa horrível. É um desafio imenso porque não tem nada, mas no final terá que ter alguma coisa. O aparecimento de tudo isso começa com gestos e adições sucessivos da tinta, dos riscos, dos ritmos, das cores que se vão sobrepondo e somando até ao objecto final. Quando nos dirigimos para uma tela levamos um pensamento que é automaticamente modificado

a todo o momento, com novos gestos, incursões e atitudes que se tem perante a tela. No fundo, o que acontece é que quando arrancamos para as coisas temos um pensamento, porém, no final, o resultado é completamente diferente.

Podemos comparar o pintor a um romancista, no sentido em que as pinceladas também ganham vida própria como acontece às personagens de um romance?

Sim. É isso mesmo. Normalmente sabemos o que queremos, contudo quando se vai fazer na tela, a não ser que seja uma coisa extremamente depurada e geométrica, mesmo assim, há sempre alguma coisa que se modifica na altura de executar.

A escultura completa-se com a pintura?

A pintura é sempre a pintura. É a magia, o tratamento e o trabalho da cor que é sempre diferente, renovada e inesgotável. Costumo dizer que cada obra que se faz é a continuação da anterior e assim sucessivamente. Na escultura há a possibilidade do volume que traz uma dinâmica diferente, bem como as

grandes dimensões e os materiais (ferro, aço, granito ou cerâmica). Gosto igualmente de ambas, sobretudo porque a diferença do espaço e o volume das coisas são distintos. A pintura é mais caseira, mais arrumada, por muito grande que o quadro seja. A escultura, não. Tem a necessidade de viver num ambiente, numa praça, ou seja, de conviver com as pessoas. São desafios completamente diferentes.

Agrada-lhe a movimentação que faz entre as diferentes áreas que abarca?

Aliás, isso é que no mantém vivos, porque se estagnássemos íamos calçar as pantufas e ver televisão.

Já foi distinguido com vários prémios, está representado em museus, as suas obras são frequentemente expostas no País e no estrangeiro, pergunto-lhe: O que representa tudo isto?

Uma coisa muito simples: um percurso de vida. Há muitos anos que comecei com esta vida. Fiz o meu percurso como académico e como criador e agora é natural que me convidem para algumas

DA ENTREVISTA



coisas às quais vou comparecendo. No momento, tenho uma exposição no Brasil, estive recentemente na Arábia Saudita e, por isso, é natural que as coisas aconteçam assim.

Nesses vários locais onde são apresentadas as suas obras há reacções comuns entre os públicos?

Acho que sim, porque a arte tem essa grande vantagem de unir as pessoas. Enquanto que a língua é uma barreira, a arte, como é visual, todos a vêem. Obviamente que um chinês não pode ver um trabalho meu com os mesmos olhos que eu vejo, mas vai descobrir num trabalho meu coisas que lhe estão mais próximas. É esse diálogo que é interessante, assim como as diferentes leituras que cada um pode fazer e que acabam por ser a grande riqueza da arte.

Dentro das artes gráficas tem ilustrado vários autores, mas há um em particular, Eugénio de Andrade. Como era a sua relação com o poeta?

Muito boa. Muito gratificante, porque além do mais era amicíssimo do Eugénio. Antes de ser um relacionamento profissional, era uma amizade. Ele gostava das coisas que eu fazia, eu gostava das coisas que ele escrevia. Um dia aconteceu um desafio quase silencioso, neste sentido: 'Tu é que vais fazer as minhas coisas e eu é que quero fazer as tuas coisas' [risos]. Desde o princípio, até ao fim da sua vida, existiu sempre um óptimo relacionamento. O Eugénio era um homem extremamente exigente, mas comigo devia ser menos lúcido e gostava de tudo o que fazia e, portanto, foi uma relação muito fácil. Era uma pessoa de uma grande riqueza, que me ajudou e com quem aprendi muito também.

Depois da morte de Eugénio, afastou-se da Fundação do poeta - podemos falar sobre esse afastamento?

Não adianta, porque são coisas muito delicadas e

envolvem algumas atitudes que não vale a pena serem faladas.

Então falemos da parceria com o José da Cruz Santos. Como é trabalhar e aceitar os desafios que ele lhe propõe?

O Cruz Santos é um editor extraordinário, aliás para mim é o grande editor deste País. A própria formação da Inova provou isso e, desde então, com as várias editoras que tem tido continua a fazer obras de grande qualidade na área editorial. É uma situação idêntica à do Eugénio. Como nos temos entendido a trabalhar, a colaboração é fácil e fluente, porque de uma maneira geral aceita aquilo que faço e participa também, pela grande vivência que tem do mundo da escrita.

A sua postura nas artes gráficas é diferente daquela que tem na pintura e na escultura?

É. Embora dê a mesma importância à capa de um livro que dou a um quadro, porque são coisas feitas para as pessoas e têm de interagir com elas, a criação propriamente dita é distinta. Para fazer a capa de um livro é preciso saber minimamente do que é que se trata. É preciso ter uma ideia do autor e do livro, para depois se poder emprestar a qualidade gráfica que ele precisa e merece. Mas são caminhos e pesquisas completamente diferentes.

Ainda se lembra do primeiro quadro que pintou?

É difícil e, com certeza, já não existe. Houve uma série de coisas que fiz quando ainda estava na Escola António Arroio. Entre os meus 15 e 20 anos realizei algumas centenas de trabalhos, mas houve uma altura em que achei que aquilo não interessava para nada, estava uma grande porcaria e acabei por fazer uma espécie de ritual ao rasgar praticamente tudo desse tempo. Tenho ainda duas ou três coisas guardadas, agora o resto foi rejeitado através de uma atitude que só é possível aos jovens.

E da primeira escultura?

Também já passou muito tempo e se quer que lhe diga também foram coisas efémeras que aconteceram e desapareceram.

Pelo que diz não é pessoa de ficar presa ao passado... O lema é seguir em frente?

Isso mesmo. Em todo o caso tenho pena de não ter registado e fotografado esses trabalhos, porque há pessoas que são extremamente organizadas neste aspecto, mas eu só agora comecei a fazer isso. Um bocadinho tarde [risos]. De qualquer maneira, acho que é importante para quem fica. É um legado. É um testemunho que é necessário passar e para tal é preciso ter essas referências.

Pinta todos os dias?

Não. Todos os dias desenho e estou ligado às artes gráficas, mas a pintura tem épocas. Como também tenho um atelier no Alentejo, quando sinto uma necessidade interior de me isolar, vou para lá. Fico uma ou duas semanas a trabalhar só em pintura e não penso em mais nada.

Quando faz a viagem Porto/Alentejo nunca equacionou encurtá-la para passar a ser Lisboa/Alentejo?

Esta viagem tem a ver com o meu início. Fiz o curso de Artes Decorativas em Lisboa...

E depois veio estudar para o Porto. A minha questão vai mais no sentido de que em Lisboa, talvez a sua obra tivesse maior visibilidade?

A verdade é que arranjei um modo de vida que me dá determinada tranquilidade. Gostava que fosse ainda maior e penso que um dia vou conseguir. Não tenho ambições maiores do que viver tranquila e honestamente. Para mim é suficiente. Não ando à procura de mais êxitos. O que me interessa são os desafios que tenho no meu trabalho, as respostas que tenho de dar, inclusive às solicitações que eu próprio me imponho. O resto é outro mundo. As galerias, por exemplo, são importantes na nossa vida, já estive ligada a uma e sei o que isso é. No entanto, as galerias devem fazer o trabalho delas, ou seja, nós produzimos e criamos, as galerias comercializam e procuram o público que comprará os nossos trabalhos.

A Rua Miguel Bombarda é um bom exemplo disso?

Acho que foi algo que nasceu de forma natural e acabou por se tornar engraçado. A rua

começou por ter uma galeria, se não me engano a Fernando Santos, e depois outras se juntaram. É muito importante que exista um núcleo de galerias numa zona da cidade como se vê em Paris ou em Madrid. Aqui temos a vantagem, graças a uma coordenação que existe, das exposições inaugurarem ao mesmo tempo (sábado), o que faz com que uma pessoa que vai a uma exposição acabe por ir ver as outras. Dinamiza-se muito o aspecto da pintura e da sua comunicação com as pessoas.

No seu entender, o executivo camarário podia fazer mais por aquele espaço?

Acho que sim. Havia, inclusive, um projecto de tornar a Rua Miguel Bombarda só para peões. Penso que era fundamental e tornava o espaço ainda mais atractivo, principalmente em dia de inaugurações. Além de dinamizar, atraía novos públicos, que é no fundo o mais importante. Fazer com que haja uma passagem de testemunhos nesta área e que as novas gerações também comecem a gostar da arte.

O Porto é pobre culturalmente?

Tenho essa visão. Não sou amigo íntimo do Rui Rio, mas enquanto amigo que sou, penso que ele me compreenderá se disser que não há uma política cultural. É verdade que de política não percebo nada e compreendo que nestes cargos haja necessidade de, em determinados momentos, se fazerem algumas coisas em detrimento de outras. Poderá ser isto que está a acontecer na Câmara do Porto, agora também acho exagerado o que se faz à Cultura, porque esta é muito importante no desenvolvimento de um país e de uma cidade.

Quando não está a pintar, a fazer escultura ou a desenvolver trabalhos na área das artes gráficas, o que faz?

Existo. Vou convivendo com os outros na medida do possível. Vou usufruindo das coisas que uma cidade tem, seja aqui ou em qualquer local do País. É a vivência. É a respiração.

O Jorge Pinheiro foi distinguido com o Prémio Nacional Cidade de Gaia, na categoria de Artes Plásticas. Pela ligação que tiveram, o que nos diz desta distinção?

Fiquei cheio de orgulho por duas razões: primeiro, sou muito amigo dele; segundo, o Jorge Pinheiro é um grande artista e merece não só este prémio mas também todos os outros que haja no mundo para lhe serem atribuídos.